

Co-responsabilidade na Igreja de Coimbra

Neste ano pastoral 2007-2008 toda a Diocese de Coimbra vai fazer “avaliação em comunhão corresponsável para a missão”.

DE NOITE IREMOS EM BUSCA DA FONTE DE ÁGUA VIVA:
SÓ NOS GUIA A NOSSA SEDE, SÓ NOSSA SEDE NOS GUIA!

Que bem eu sei a fonte que mana e corre,
Mesmo se é noite,
Mesmo se é noite.

Aquela eterna fonte está escondida
Mas eu bem sei onde tem a sua guarida,
Mesmo se é noite.

(S. João da Cruz: 1542-1600)

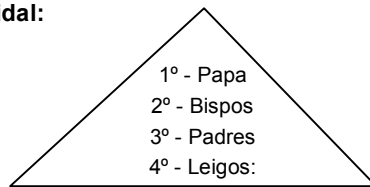
«Que em todas as assembleias de avaliação, propostas para os diversos níveis, se comece por uma reflexão doutrinal, com base no Concílio Ecuménico Vaticano II, sobre a co-responsabilidade de todos os baptizados na vida Igreja. (...) Nas reuniões de avaliação que vamos realizar, (...) havemos de nos esforçar por interiorizar o que diz o Concílio: “Devido à sua regeneração em Cristo, existe entre todos os fiéis verdadeira igualdade no concernente à dignidade e à actuação.»¹

«Havemos de nos esforçar»!...

É que até ao Concílio Ecuménico Vaticano II (celebrado entre 11 de Outubro de 1962 e 8 de Dezembro de 1965), a predominância da vivência de Igreja era a de uma **sociedade perfeita, visível, piramidal e desigual**.

* **sociedade perfeita**, porque tinha tudo do que precisava, e visível;²

* **sociedade piramidal**:



«O cardeal Gasquet conta que um catecúmeno perguntou a um padre qual a posição do leigo na Igreja.

O padre respondeu: “É dupla: de joelhos diante do altar e sentado diante do púlpito.”

O cardeal acrescentou: “Esqueceu outra: puxando a carteira!”³

* **sociedade desigual**: «A Igreja é por essência uma sociedade desigual, isto é, uma sociedade que engloba duas categorias de pessoas: os pastores e o rebanho, os que ocupam uma posição nos diferentes graus da hierarquia e a multidão dos fiéis. Essas categorias são de tal modo diferentes entre si, que só no corpo dos pastores reside o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros para o fim da sociedade; quanto à multidão, esta só tem o dever de se deixar guiar e, como rebanho dócil, seguir os seus pastores.»⁴

Nesta vivência de **Igreja como sociedade perfeita, visível, piramidal e desigual, a Igreja era a hierarquia e o apostolado dos leigos participação e colaboração no apostolado da hierarquia**.

O Concílio Ecuménico Vaticano II provocou uma “revolução copernicana” ao “definir” a Igreja como “Povo de Deus unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”⁵, onde **os leigos agem, não em nome da hierarquia, mas por vocação própria recebida nos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação ou Crisma e Eucaristia): «O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja.»**⁶ Ultrapassa-se, assim, uma visão e vivência de Igreja como sociedade perfeita e desigual.

Na compreensão da Igreja está **em primeiro lugar** não a diversidade mas a **unidade**, não a desigualdade mas a **igualdade fundamental** de todos os membros da Igreja, enraizada na mesma vocação e na mesma consagração baptismal, crismal e eucarística, concretizada no facto de todos serem discípulos de Jesus, tendo a mesma dignidade diante de Deus - todos são sujeitos e actores na História da Salvação, todos com direitos e deveres fundamentais dentro da Igreja: «Quanto se disse do Povo de Deus, vale igualmente para leigos, religiosos e clérigos.»⁷ «É, portanto, uno o Povo eleito de Deus: *um só Senhor, uma só fé, um só baptismo* (Ef 4, 5); comum é a dignidade dos membros, pela sua regeneração em Cristo, comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição, uma só salvação, uma só esperança e uma caridade indivisível. **Nenhuma desigualdade existe em Cristo e na Igreja**, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo, *pois, não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher; porque todos sois um só em Cristo Jesus* (Cl 3, 28 gr.; cf Cl 3, 11). Se na Igreja nem todos caminham pela mesma via, **todos são chamados à santidade** (...). **Reina afinal entre todos verdadeira igualdade, no que respeita à dignidade e à acção comum do conjunto dos fiéis para a edificação do corpo de Cristo**. (...) Assim, na variedade, todos dão testemunho da admirável unidade do corpo de Cristo (...) (cf 1 Cor 12, 11). (...) A este propósito, diz com grande acerto S. AGOSTINHO: “Atemoriza-me o que sou para vós, consola-me o que sou convosco. Para vós, sou bispo; convosco, sou cristão. Aquele, é o nome do ofício; este, o da graça; aquele, o de perigo; este, o de salvação.”^{8,9}

¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 208; ver *Lumen Gentium*, 32, in: DIOCESE DE COIMBRA, *Programa das actividades diocesanas 2007-2008*, pp. 6.5.

² ROBERTO BELLARMINO, jesuíta italiano que viveu entre 1542 e 1621, foi o grande mentor desta imagem e vivência de Igreja.

³ Y. M.-J. CONGAR, *Os leigos na Igreja. Escalões para uma teologia do laicato*, Herder, São Paulo, 1966, p. 1.

⁴ PIUS X, Encíclica *Vehementer nos* de 11 FEV 1906, in: AAS 39 (1906) 8-9.

⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 4.

⁶ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 33.

⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 30.

⁸ SANTO AGOSTINHO, *Sermo 340, 1*, in: PL 38, 1483.

⁹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 32.

Por isso, o papa João Paulo II na Exortação apostólica *Cristifideles Laici* fala de **crístãos leigos, crístãos clérigos e crístãos religiosos**.

E o Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985 afirma na sua *Relação Final*: «A **eclesiologia da comunhão** (do grego: “Koinonia”), fundada na Sagrada Escritura, é a ideia central e fundamental nos documentos do Concílio Ecuménico Vaticano II. Trata-se fundamentalmente de comunhão com Deus Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo. Tem-se esta comunhão na Palavra de Deus e nos Sacramentos. O Baptismo é a porta e o fundamento da comunhão na Igreja. A Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a vida crístã.¹⁰ A comunhão do corpo de Cristo eucarístico significa e produz, isto é, edifica a íntima comunhão de todos os fiéis no Corpo de Cristo que é a Igreja (1 Cor 10, 16). (...)

Porque a Igreja é comunhão, a participação e a co-responsabilidade devem existir em todos os seus graus.¹¹

Conceber a Igreja como comunhão é dar prioridade à comunidade servida pelos carismas e ministérios, pois o **Espírito Santo** leva-nos a viver a Igreja como o “**nós**” fundamental dos crístãos, os quais pelos sacramentos da iniciação crístã são **todos irmãos em igual dignidade, diferentes nas funções e solidariamente responsáveis** numa contínua dinâmica sinodal,¹² que permite a institucionalização da comunhão, isto é, os **conselhos eclesiais onde se põe em comum a informação e reflexão, se gerem conflitos, se negocia e se elaboram linhas pastorais - o papa, os bispos e os padres, sem deixarem de ensinar, têm muito que aprender; sem deixarem de governar, têm que pôr cada vez mais em prática estruturas de decisão com os outros crístãos; e sem deixarem de presidir à vida litúrgica, já não são os únicos animadores!**

A comunhão eclesial fundamenta-se no acolhimento crente de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, as decisões num processo de comunhão ultrapassam as alternativas entre democracia e ditadura, entre maiorias e minorias, entre voto deliberativo e voto consultivo. O importante é buscar a saída mais conforme à verdade e anúncio do Evangelho a cada geração e à unidade da Igreja.

Viver na comunhão é peregrinar juntos, isto é, em **sinodalidade** (ou **co-responsabilidade**), com a mesma inquietação de Jesus Cristo, por todos os caminhos de Emaús do mundo (cf Lc 24, 13-34). **Uma Igreja de comunhão deve ser uma Igreja de participação.** “**Todos responsáveis na Igreja**” não no sentido em que tudo possa ser feito por todos, mas no ambicioso projecto de que a Igreja, **sob o sopro do Espírito Santo**, seja edificada por todos os seus membros, cada um segundo o seu carisma e o seu ministério.

Assim, no *Programa das actividades diocesanas 2007-2008* afirma-se: «**Quem deve avaliar há-de ser quem projectou: toda a comunidade crístã, reunida nos seus diversos níveis**: Diocese, Região Pastoral, Arciprestado, porventura também a Paróquia, os Movimentos e as Comunidades de Consagrados.

Para além das conclusões a formular, o que mais importa neste trabalho é sentirmo-nos **Igreja co-responsável**. Por isso, o ano pastoral que agora iniciamos não é um ano de paragem mas sim de crescimento, isto é, um ano de aprofundamento doutrinal e prático daquilo que devemos ser como **Igreja: comunhão co-responsável**. (...)

É necessário que, tanto em âmbito do próprio presbitério como entre as organizações de leigos e também dos consagrados, **cada baptizado se interesse por todo o caminhar da Igreja**, informando-se sobre os sectores em que mais urge a sua presença ou está débil a sua intervenção, sofrendo com isso e rezando para que o Espírito de Deus ajude a encontrar caminhos. Este dever que a todos incumbe de procurar pistas actuais e acertadas para a evangelização torna-se mais evidente quando pensamos que, relativamente a diversas áreas, isso há-de ser feito por aqueles baptizados que se situam nessas áreas: os casais para a pastoral familiar, os jovens para a pastoral juvenil, os jornalistas para a pastoral de comunicação, os respectivos técnicos para a pastoral da saúde...»¹³

Estar em comunhão, não é olharmo-nos simpaticamente uns aos outros, mas construirmos juntos e juntos anunciarmos o Evangelho - somos um quando comungamos no anúncio do Evangelho. A comunhão ou é missionária ou é falseada. Quando o Evangelho é vivido e anunciado, a comunhão acontece - como afirma o papa João Paulo II na Exortação apostólica *Cristifideles Laici*: «A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetraram-se e integram-se mutuamente, ao ponto de a comunhão representar a fonte, e simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão.»¹⁴

É que a Igreja na sua existência acontece pelo anúncio e pela confissão no Espírito Santo de que Jesus de Nazaré, o Filho Unigénito do Pai, **foi morto e foi ressuscitado**, é o Senhor e o Vivo para sempre e que, após ter vivido na história, vive em toda a história, em todo o tempo: por isso, **a Igreja é a comunidade de testemunhas de Jesus Cristo mergulhadas na(s) cultura(s).**

O ser Igreja é viver a vida em Cristo e participar dos seus bens, entre os quais o primeiro é o Reino, ou como diz o Concílio Ecuménico Vaticano II: «**é ter por cabeça Cristo (...); por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo; por lei (...) a de amar como o próprio Cristo nos amou; e por finalidade o Reino de Deus.**»¹⁵

Sua origem não a sei, pois não a tem,
Mas sei que toda a origem dela vem,
Mesmo se é noite.

Esta viva fonte que desejo,
Neste pão de vida é que eu a vejo,
Mesmo se é noite.

DE NOITE IREMOS EM BUSCA DA FONTE DE ÁGUA VIVA:
SÓ NOS GUIA A NOSSA SEDE, SÓ NOSSA SEDE NOS GUIA!

(S. João da Cruz: 1542-1600)

P. António Manuel Neto Samelo
2007-11-08

¹⁰ Cf CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 11.

¹¹ SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS de 1985, “*Relação*” *Final*, II, B, c), 1. e 6..

¹² **Sinodal** que deriva etimologicamente da expressão “viajar juntos” é a dimensão operativa da comunhão (nos países latinos, a palavra co-responsabilidade é a que mais se assemelha a sinodalidade).

¹³ DIOCESE DE COIMBRA, *Programa das actividades diocesanas 2007-2008*, pp. 5.6.

¹⁴ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Cristifideles Laici* sobre os Fiéis Leigos de 30-12-1988, n. 32.

¹⁵ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja de 21-11-1964 (LG), n. 9.